

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre 4\$000
Anno..... 8\$000

PROVINCIAS

Semestre 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
O roubo no Consulado	
Portuguez.....	
Politica e politicos.....	TOB.
Hérança.....	PIFF-PEFF.
Cartas de Lisboa.....	E. MONTEIRO.
A Esmola.....	JULIA LOOES.
Paginas esquecidas -- O	
Ermitão da Gloria.....	JOSÉ DE ALENCAR.
Paraizo vedado, soneto...	A. DE OLIVEIRA.
Theatros.....	
A vida elegante.....	LORGNON.
Collaboração; A....., soneto	R. DE MELLO.
Factos e noticias.....	
Tratos á bola.....	D. PASTEL.
Receitas culinarias.....	CABRION.
Recebemos.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

A SEMANA

Rio, 15 de Agosto de 1885

Encetamos hoje a publicação das «Cartas de Lisboa», expressamente escriptas para esta folha pelo Sr. Emygdio Monteiro, nosso correspondente naquella cidade.

Tratam de critica artistica e litteraria. O Sr. Emygdio Monteiro—que se por emquanto não é um nome feito, tem muito talento e largo futuro—estuda nesta primeira carta, que, por demasiado longa, não publicamos hoje integralmente—o interessante pequeno museu de pintura existente em Lisboa no café *Leão de Ouro*

O estylo sóbrio, firme e pittoresco, a observação criteriosa e a proficiencia critica do joven escriptor captar-lhe-ão sem duvida por parte dos leitores d'A *Semana* a sympathia e o appeço a que elle tem direito. Raro é o numero em que *A Semana* não apresente ao publico uma novidade, uma surpresa. Hoje as *Cartas de Lisboa*, no proximo sabbado...

Chiton! Não estraguemos a surpresa.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Apparelhado com o «necessario para escrever», como se diz nas rubricas das comedias, sento-me á mesa do labor honesto, tomo da penna e principio:

Era no outomno...

Ora ali está como um homem se espeta! Ouvi hontem um bardo sentimental recitar ao piano o *Era no outomno* e ficou-me aquillo encravado na memoria, de tal jeito que não pude evitar que me pingasse agora da penna aquelle meio verso.

Comecemos, pois, a sério, a resenha dos espantosos acontecimentos d'estes sete dias.

Não revellaremos ao leitor desprevidido que esta semana começou na segunda-feira, isso não; não queremos armar ao desmaio publico, e por mais que o queiramos occultar, o Pimenta do *Microcosmo* assusta-nos: Quando o domingueiro piperaceo toma da pipia e silva, ninguém se entende aqui pela esquina, e o collega Zé do Egypto fica tão atrapalhado que põe a bengala na cabeça e sae com o chapéu debaixo do braço.

Para evitar tantos desgostos e tamanhos é que eu passo, definitivamente a occupar com uma seriedade de tabellião morto a minha alta posição de Cantu... semanal.

Desça Clio do alto Helicon,
Ou do Parnaso ou do Pindo,
E o gesto severo e lindo,
Ao qual não ha quem resista,
Mostre ao novo historiographo!
Compaixão para um artista,
Bellá Clio, ó minha mana,
Que tem de ser da semana
Historiador e chronista.

Desce o teu olhar fulgente,
Musa, ás notas que eu amanho:
Temos aqui — o Tamagno,
Filho d'Euterpe excellente,
O roubo no consulado,
A abertura da *salinha*,
A chegada do Callado,
E da tal costureirinha
O duro envenenador
Que afinal foi condemnado...
Um horror!

Isto é que se pôde chamar desgraça! Invoco a severa Clio, e sae-me a doida e arrebicada Polymnia, obrigando-me a um derrame de versos capazes de inutilisar para os bons e sisudos leitores d'A *Semana* a «Historia dos sete dias».

Bem. Diremos que se effectuaram no sabbado passado as exequias do famoso general Grant, um dos mais illustres guerreiros d'este seculo, emulo de Napoleão — o grande patriota exaltado, principal operario da união dos estados americanos, presidente honrado e administrador excepcional da grande republica, exemplo para cidadãos e para militares, intrepido vencedor de Vicksburgo, grande homem, grande homem!

Uma das calamidades da semana foi a abertura da *salinha*, a bem conhecida camareta de Nicheroy, onde os periquitos provinciaes vão moer no realejo da rietorica mascavada o interesse publico e o bom senso. Feliz praia! grande praia que tu és, ó Praia Grande!
Aceita a barretada da patria reconhecida.

O roubo, furto, estellionato ou que melhor nome tenha, do consulado por-

tuguez, é o principal assumpto da semana e por isso tratamo-lo em artigo especial, onde o leitor pôde ver o que é boa prosa e são criterio.

Fizeram tambem muito barulho os artigos da *Pall Mall Gazette*, traduzidos pela *Gazeta de Noticias*. A moralidade, a seriedade e a circumspecção inglezas, sofreram um formidavel golpe com a revellação dos espantosos crimes de Londres. Grande Inglaterra! famosa e pura Albion! Como tu estás podre, e como sob as duplas solas das tuas botas fidalgas se arrasta e cresce o asqueroso verme da extrema prostituição!

Não nos podemos rir, entretanto. Poucos sabem o que ha de ignominia e de infamia por essas ruas escusas d'esta grande aldeia fluminense.

Um dia tambem se lhe hade fazer a historia, tambem ha de apparecer quem mergulhe na pavorosa sentina, e então... quem sabe quantas victimas terão sido sacrificadas á brutalidade do minotau-ro lascivo!

Está ameaçado de «pedra em cima» o falado incidente—Callado.

Para honra do paiz assim deve ser. Se olharmos, porém, para a delicata posição do nosso ex-ministro, vemos que o seu silencio é uma tacita confirmação do grave delicto que lhe impu-taram. E' o caso em que o calado não é o melhor, e, portanto, o Sr. Callado precisa justificar-se deante da opinião, a menos que não se julgue culpado, o que nos repugna acreditar.

Cleopatra, a radiante imperatriz do Egypto, quando o amor do seu Antonico expirara na ponta da espada do guerreiro, encomendou a um camponez amigo um aspide para suicidar-se. O camponez amigo escondeu o mortifero reptil em uma cesta de figos e entregou-o á consternada amante do romano, que estava encerrada no templo.

Sabendo d'isto o romantico José Balthazar Teixeira, e tendo uma amante perfida, quiz parodiar a pagina da historia do Oriente, e entre figos tambem, derramou certa quantidade de strychnina, e, por intermedio de Balbina Rosa, remetteu tudo numa cesta á sua Cleopatra, que nos tempos modernos dá pelo nome de Florinda Lopes — nome que está a pedir uma ecloga.— O envenenamento manifestou-se logo e o Borgia foi preso. Florinda foi salva por um medico e Balthazar foi na quarta-feira condemnado a galés perpetuas. O juiz, porém, appellou, e visto que a victima não succumbio será talvez muito dura a pena de galés perpetuas.

Emfim, isso é lá com a Justiça.

Ella que se arranje, que eu vou fazer o mesmo que a estas horas terá feito o leitor:—vou dormir.

Até sabbado.

FILINDAL.

O ROUBO NO CONSULADO PORTUGUEZ

Em No dia 12 do corrente foi apresentada ao Sr. desembargador Calmon, juiz de direito do 7º districto criminal, pelo Sr. Dr. Sampaio Ferraz, 2º promotor publico, denuncia contra o consul geral de Portugal Visconde de Wildick, e o thesoureiro da repartição do consulado, Sr. Francisco Brandão de Castro, pelo crime do art. 269 combinado com o art. 270 do codigo criminal. (roubo).

Esta noticia espalhou a surpresa e o espanto por toda a cidade. Ha tres dias é este o grande acontecimento.

Desencontradas e numerosissimas são as opiniões; nas ruas como na imprensa discute-se de varios modos o procedimento do 2º promotor publico.

Vamos expender em rapidas e succintas palavras o nosso parecer a respeito.

A promotoria publica, havendo recebido os autos do inquerito policial em que se provou que, *simulado ou real*, houve um roubo no Consulado; sendo o roubo um crime publico; não estando os consules fóra da acção da justiça brasileira em crimes inafiançaveis ou policiaes e particulares com prisão em flagrante, tinha por dever dar denuncia contra os indiciados auctores d'esse crime. A denuncia não tem outra força nem outra consequencia legal além de provocar a formação da culpa; concluido o summario, ao Juiz de Direito competente caberá pronunciar ou não os individuos indiciados.

Consequentemente, não exorbitou a promotoria apresentando a denuncia; nem exorbitará a auctoridade competente aceitando-a.

Provemol-o. Foi o proprio Consul que *requisitou* a intervenção policial para descobrir o auctor ou auctores de um roubo que se effectou no edificio do Consulado Portuguez. Portanto, para o Sr. Consul, bem como para o ministro portuguez que até hoje tem se conservado mudo e queto, não havia duvida quanto á existencia do roubo. A policia, mettida no negocio, á requisição dos proprios interessados não podia recuar; foi ávante, fez tudo quanto devia abrindo inquerito e mandando proceder a todos os exames precisos; depois, como é dos tramites legaes, fez o seu relatorio e com elle subiram os autos á promotoria; esta, encontrando um roubo *simulado ou real*— deu denuncia contra aquelles sobre os quaes recaiam os indicios de culpabilidade.

O juiz, desde que a denuncia não tenha nenhum dos vicios que a tornam inaceitavel, pôde recebê-la para dar lugar á formação da culpa.

Ahi, então, no juizo preparatorio, se reconhecerá se o que houve foi de facto um roubo. Desde que se prove que o *arrombamento* e mais violencias apparentes foram simuladas e que a propria abertura dos cofres pela maneira natural (com as respectivas chaves) não foi elemento indispensavel para a subtracção das quantias; isto é: que esta foi antiga, anterior áquelle facto e d'elle independente; embora se verifique o desfalque, o subtrahimento das quantias, então, sim, não poderá ter lugar a pronuncia dos indiciados e á justiça do paiz faltará competencia para proceder contra o Consul e o seu thesoureiro pelo desvio dos dinheiros pertencentes ao Consulado.

Será, entretanto, *roubo* essa subtracção de dinheiros dos cofres, sem violencia, por meio das chaves proprias, pelos seus depositarios legaes?

Eis e ponto grave da questão. Será prevaricação ou estellionato; *roubo*, não. Em taes casos, se se tratasse de re-

partição do Estado seria competentissima a justiça do paiz para proceder.

Mas trata-se de uma repartição estrangeira; o governo portuguez é que tem o Consul de prestar contas do destino e gerencia dos dinheiros do Consulado.

Isto posto, aguardemos os acontecimentos.

As aves nocturnas odeiam o sol; os clericos insultaram Victor Hugo. E' bom que assumam no futuro a responsabilidade da sua inepcia.

G. RIVET.

POLITICA E POLITICOS

A esta hora exulta o Sr. conselheiro Saraiva, exulta o Sr. Zama e exulta a maioria que apoiou e talvez continue a apoiar o Cincinnatus da Bahia.

O projecto sobre o elemento servil foi approvado em sua totalidade, com as emendas da commissão.

Quanto ás emendas dos outros deputados, daquelles a quem o Sr. Saraiva nunca deu resposta, quanto a essas foram todas rejeitadas. O projecto era o *nobis me tangere* e ninguem bulio nelle.

Salvou-se do naufragio geral uma emenda do Sr. José Marianno. Esta foi votada por todos os liberaes, todos os conservadores, e só votaram contra—o Sr. ministro da guerra, acompanhado da deputação rio-grandense, os Srs. ministros da agricultura e justiça, e o Sr. Felicio dos Santos:

« Nenhuma provincia, nem mesmo as que gozarem de tarifa especial, ficará isenta do pagamento do imposto adicional.—José Marianno.»

Como se sabe, esse imposto adicional é lançado sobre todos os impostos, excepto os de exportação.

Mas como o Rio Grande tem tarifa especial, esta *especialidade* isentava-o do pagamento d'esses 5 % additionaes, e emquanto a gente trabalhasse por aqui como um mouro para pagar o negrinho dos outros, o Rio Grande havia de ficar regalado com a isenção, operando a sua libertação com o prazo médio de 6 annos.

O Ceará, o Amazonas e o Rio Grande, é certo que libertaram-se á sua custa, sem imposto adicional cobrado ao imperio. Mas é preciso que todos concorram para solver do melhor modo esta questão. Não são as provincias escravizadas as unicas que perdem com o systema acanhado do trabalho, com todos os vicios da instituição; é todo o imperio, cuja integridade é um organismo em que tem acção reflexa os phenomenos morbidos de qualquer membro.

Com a libertação do Ceará não melhorou o cambio; com a do Amazonas não se levantou o credito publico; com a do Rio Grande não melhorarão as finanças do imperio. Não é por isso menos meritorio e menos brilhante o acto da emancipação das tres provincias, porque ellas já fizeram alguma cousa que diminuiu o trabalho da emancipação geral.

Mas este facto não deve constituir um privilegio para essas provincias. E' um desastre o imposto; se, porém, a sapiecia legislativa consignal-o não deve ser senão com o caracter geral que têm todas as resoluções da assembléa nacional.

Eu acredito bem que o senado não consentirá nessa aggravação. A receita ordinaria do imperio decresceu neste exercicio em 17.000.000\$000, e so para equilibrar-a com a despeza serão necessarios talvez 8 % de imposto. Compreende-se o horror que será a decretação de mais 13 % de impostos, num systema tributario tão defeitnoso como o nosso, e no estado actual da massa contribuinte, que não é nada lisongeiro.

O projecto foi para o senado; a esperanza d'este paiz tão novo fica voltada para a experiencia dos velhos.

T. B.

Tudo no mundo é duplo—mesmo a virtude. (*)

BALZAC.

(*) Até a cerveja.

N. DO PAGINADOR.

HERANÇA

Certo bobo *cocu*, que boubas tinha foi um dia a um doutor consultar, a saber d'onde lhe vinha tanto mal, tanto horror.

O medico, gamenho, examina-o, depois pergunta-lhe:—Você tem filhos?—Tenho — Quantos tem?—Tenho dois.

— Tem dois? Pois olhe bem: elles serão herdeiros e sem cura das mazellas que tem.

Não! diz o lorpa: isso não pôde ser! Pelo menos, doutor, é o que assegura sempre minha mulher!

PIFF-PEFF.

CARTAS DE LISBOA

Lisboa, 22 de Julho de 1885.

Convidado a dar conta aos leitores da *Semana* dos acontecimentos mais interessantes da vida litteraria e artistica de Portugal, julgo de meu dever iniciar as minhas cartas com a apreciação de um facto, que é certamente no escasso movimento artistico portuguez não só o mais notavel dos ultimos mezes, mas, pela sua significação como symptoma e pelas suas consequencias, é dos mais importantes no periodo decorrido desde a exposição de arte ornamental até hoje.

Refiro-me á abertura recente do café *Leão de Ouro*, que pela ornamentação das suas paredes, se pôde tambem chamar o museu do *Grupo do Leão*.

Sabem já que o *Grupo do Leão* tem este nome de ser formado de artistas que se reuniam habitualmente no Café Leão, assim como os litteratos preferem o Martinho, os officiaes preferem o Suisso, os aspirantes a Brasserie, etc.

Ora, o antigo Café Leão acabou por desavença entre os seus dous proprietarios, fundando em seguida cada um d'elles um novo café. Os artistas preferiram aquelle onde ficou o Manoel, o seu creado predilecto; e quando a casa estava em arranjos propuzeram ao dono ornarem-lhe a sala com pinturas sob a condição de terem uma mesa reservada. E assim foi que o *Grupo do Leão* abriu em Lisboa um museu de pintura portugueza contem poranea.

Porque até agora, se um estrangeiro quizesse saber como se pinta actualmente em Portugal, ver-se-ia embaraçado, visto que o Museu Nacional não

tem um só quadro da geração actual e a galeria do Sr. Visconde de Daupias, notavel em toda a Europa e, não falando nas de Suas Magestades, a mais conhecida em Portugal, está no mesmo caso.

Vê-se, pois, que pelas suas consequências o museu do *Grupo do Leão* é um serviço importantissimo feito por aquelles artistas ao seu paiz e, pela qualidade de exposição permanente, de uma influencia tanto ou mais benefica do que as suas exposições annuaes.

Como symptoma a abertura d'este museu original não é menos importante.

Com effeito, se por um lado vemos que nas regiões officiaes reina o mais profundo desprezo pelos interesses da arte, dando a medida exacta do que valem essas regiões, por outro lado vemos um poderoso movimento artistico devido á iniciativa particular ir despertando a apathia do publico pelas cousas d'arte, concorrendo portanto efficaçamente para e apuro do gosto, base essencial para o progresso da industria, e fonte pura dos prazeres superiores do espirito.

So por um lado vemos que o governo não só despreza occasiões de adquirir obras d'arte que em qualquer outro paiz da Europa lhe custariam mais do dobros, como ainda ha pouca a venda de quadros preciosos no leilão Bernardes (entre outros um Murillo e um Giorgione) vendidos para a Hespanha e a venda da magnifica colleção dos livros d'arte e gravuras no leilão Cifra (1), se vemos que o governo não só não compra, mas deixa vender o que tem, como ainda recentemente fez á preciosa obra de talha que guarnecia a sala dos reis no convento dos Jeronymos; se vemos que o governo, depois de pedir a opinião dos architectos da academia de bellas-artes sobre as obras da Casa Pia, não só não fez caso d'essa opinião, mas entregou a direcção d'aquellas obras a um engenheiro, dando a entender que manda talvez construir estradas aos architectos; se vemos que o mesmo governo nomea director do conservatorio um sujeito que não sabe uma nota de musica; se vemos que a academia de bellas-artes continúa a dormir o somno dos pacatos, não tendo sequer uma sessão annual, não dando nenhuns signaes da sua existencia, a não ser o diploma de socio que um dos seus membros, lapidador de copos, tem á vista na sua loja; por outro lado vemos um grupo de artistas mostrando ter a legitima comprehensão dos destinos da arte, que não é de modo nenhum exclusiva de certas raças e de certas cousas, mas sim universal e para todos, manifestando-se em todos os productos da mão do homem, tanto n'um arco triumphal, como n'uma fonte, tanto n'um palacio como n'um kiosque, no sceptro de um imperador como na tijella do proletario, no tecto de uma igreja, como nas paredes d'um café.

Porque a universalidade da arte, esse facto incontestavel, evidente para quem analyse despreocupado a sua historia desde as primeiras esculpturas do homem preistorico até hoje; esse facto que tanto tem custado a estabelecer contra a doutrina nefasta do bello ideal defendida pelas academias e pelos criticos officiaes, tanto mais perigosos que alguns, como Charles Blanc, têm a eloquencia do estylo que convence quasi tanto como a verdade pura e simples; esse facto que resalta com a maxima clareza do estudo de todas as grandes

(1) Para este leilão mandou o governo dar a ridicularia de 1 conto e tanto. Pois, gastou-se pouco mais de metade!!!

épocas artisticas, desde a arte egypcia, até á arte japoneza e ao romantismo em França; esse facto entre nós é ain la uma blasphemia.

Nas regiões officiaes, para o governo e para o parlamento, para a imprensa e portanto para a opinião, a arte não passa de uma bonita prenda, em que se comprehendem as payzagens de cortiça, os papagaios bordados a contos, as flores de cera, as imitações á pena de notas de banco, etc., etc.; é uma planta de estufa, que a uma pessoa rica não fica mal cultivar, é uma exquisite, é emfim um luxo pouco dispendioso, que por ora ainda não está em moda, e portanto, perfeitamente dispensavel.

Assim se explica entre nós a indifferença do governo, dos senhores pares e deputados, da imprensa e do publico, por todas as formas da arte que não seja a musica, pela qual, ou seja simplesmente por moda ou ainda por outra razão, tanto o publico como os governos tiveram sempre uma predilecção muito accentuada.

E' contra essa indifferença que este benemerito grupo de rapazes protesta ha alguns annos com toda a sua força e por todos os meios, sendo de todas a ornamentação do *Leão d'Ouro* certamente o mais fecundo e efficaç.

E agora que assentei bem a importancia do facto, vamos examinar o museu. Minhas senhoras e meus senhores, queiram VV. EE. Xs. acompanhar-me.

Atravessemos o Rocio, bella praça, no centro da cidade baixa, de grande movimento, notavel pelo seu ladrilho e pelo monumento a D. Pedro IV, vulgo o *castical*, e limitada de um lado pela fachada nobre do theatro de D. Maria. Agora voltamos á esquerda para o largo de Camões (que não é o grande, mas o Camões do Kocio), largo que tem de um lado os dois celebres cafés — o Martinho e o Suisso —, d'outro o theatro de D. Maria; em frente d'este fica o meu cabelleiro... mas não nos demoremos. Tomemos ainda á esquerda para a rua do Principe e depois do primeiro café á direita, o successor do antigo *Leão*, o que deu o nome ao grupo, temos o *Leão d'Ouro*.

Nas meias portas doidas vemos já a marca da casa, um leão de pé, arrogante e façanhudo. Entremos.

Nas paredes lateraes vemos primeiro dois grandes quadros fazendo *pendant*, de 2 metros de alto por quasi 4 de largo, que muita gente para a vér mesmo da rua. Seguem-se-lles mais trez de cada lado, da mesma altura e de 1 metro e 30 de largura, á excepção dos dois ultimos.

Ha ainda um *panneau* fazendo angulo como o quadro grande da esquerda e um pequeno quadro fazendo sobreporta. Lá ao fundo, em cima do balcão o *Leão d'Ouro*, arreganhado e de catadura imponente segura um escudete em que se vê o monogramma do proprietario. Finalmente, no reposteiro que guarnece a porta que dá para a sala dos bilhares, ha ainda outro leão, bordado pela Sra. D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, irmã e discipula de Columbano, artista de grande talento, que tem a sua reputação feita em quadros de flores e inaugurou entre nós a pintura em louça, em summa, discipula digna do mestre. Esta senhora faz hoje parte do *Grupo do Leão*, assim como Raphael Bordallo e os Srs. Souza Pinto, Villaca e Moreira Rato, que ha pouco tempo se lhe juntaram. Compõe-se, pois, o grupo actualmente do Sr. Alberto de Oliveira, presidente honorario e 15 artistas, dos quaes quatro estudam em Paris.

Mas vamos aos quadros.

E para podermos fallar já de todos os artistas principiemos pela esquerda, onde se ostenta uma grande tela do Sr. Columbano Bordallo Pinheiro, representando os membros do grupo reunidos em volta de uma mesa, bebendo e fumando, no convívio alegre de todos os dias.

No alto, principiando da esquerda, Christino olha para nós com o seu olhar socegado e insinuante, cor pallida, buçosinho de adolescente, ar modesto, e o seu sorriso discreto, como o vemos sempre quando nos fala da ultima opera que ouviu em S. Carlos, ou cantando em surdina os trechos mais característicos com uma fidelidade e expressão de verdadeiro virtuose, ou quando nos conta as impressões do ultimo livro que leu porque, — *rara avis* — Christino é um artista que lê...

Mais em baixo, Pinto, grave e somnolento, assiste, indifferente, ao que se passa diante de si. Um pouco para a direita Malkoa, magnifico typo *Mosquetaire*, barba petulante, cabello curto corrido para a testa, ri com o expansivo riso de meridional, encostado á meza, cigarro na mão e o braço direito indolentemente cahido na perna. Do outro lado Vaz, serio e quasi semsaborão, contra o costume, pensa talvez n'alguma contrariedade amorosa que soffren, contra o costume, e a despeito do seu magnifico bigode preto e dos seus olhos conquistadores.

Immediatamente destaca a estatura elevada de Alberto de Oliveira, que, não sendo artista, representa por assim dizer a alma do grupo, sempre ao corrente de todo o movimento artistico actual, passando o seu tempo por *ateliers* e livrarias, sempre gravido de projectos, doutrinando sempre que se offerece ensejo, enfim o principal organisador e o mais valente esteio do grupo, e ainda etc., etc., etc. Character aberto, maneiras correctas, barba d'um loiro fulvo e grande cabelleira preta, afastada ao meio lá está elle mostrando a Silva Porto uma *illustração* qualquer que agora mesmo trouxe do Pereira ou do Ferin. Silva Porto, com o seu ar modesto mais ainda do que habitualmente, parece acabrunhado, talvez pela intenção evidente do artista em fazer d'elle o Christo d'aquelles discipulos, intenção que resalta claramente da disposição das figuras e era mais evidente ainda na composição primitiva do quadro. Não se supponha que elle esteja acabrunhado com a idéa de algum judas... E' que quem diz Christo diz mestre e a sua modestia não lhe permite assumir uma tal responsabilidade, comquanto effectivamente e incontestavelmente o renascimento da pintura portugueza seja devido principalmente ás magnificas obras por elle expostas entre nós, desde que terminou o curso de pensionario no estrangeiro e foi nomeado professor da Academia de Lisboa.

Ao lado d'elle, Antonio Ramalho, que foi já seu discipulo na escola de bellas artes e que estuda actualmente em Paris sob o patrocínio do Sr. Conde da Praia e de Monforte, faz pensar vagamente nos quadros risonhos de Ostade ou Teniers. Baixo e gorducho, faces rubicundas e olhos piscos, sorriso rabelaisiano, de cigarro na mão, com uma larga gravata a *la diable*, e com o ar reinado de quem acabou de contar uma anecdota *grivoise*, qualquer d'iri que está ali um discipulo de Pantagruel, um amigo da *bonne chière*... sob todas as formas, e ninguém se lembrará que seja aquelle o artista de talento, o vigoroso payzagista das *Olavas* e das *Lavadeiras*, verdadeiro temperamento de meridional, de um lyrismo rubenesco.

vendo especialmente o lado grande e robusto da natureza.

Mais á direita vem o Manuel, o criado favorito do grupo, trazendo n'uma bandeja talvez uma *omelette* de camarão, (uma especialidade da casa), que com a ajuda de um collares de primeira ordem vai de certo alliviar paixões a Vaz pensativo e sorumbático. Magnifico typo de campino,—menos o sol, é claro,—com as faces coradas e umas bellas suissas pretas, o Manoel tem um logar importante na historia do grupo.

Amigo dos artistas, interessando-se por tudo o que lhes diz respeito, guardando-lhes os jornaes em que se fala d'elles, alimentando-lhes a inspiração, o Manoel tem direito á estima do grupo e o Sr. Columbano praticou um acto de justiça incorporando-o no seu quadro em companhia dos artistas seus amigos.

Segue-se Gyrão. Encostado á mesa com o rosto apoiado no braço direito, e descansando o esquerdo na bengala que a mão abarca com os dedos em roca, d'uma maneira muito peculiar, Gyrão encara-nos com o seu ar grave e quasi bonacheirão, admiravelmente apanhado em flagrante.

Atraz d'elle Raphael Bordallo, com um largo chapéu de feltro, de monoculo armado, olha para nos com o seu sorriso zombeteiro e satisfeito, de que não gostam nada os tolos e os intrujões indigenas, e bem conhecido em toda a christandade... portugueza.

Na extremidade da mesa Vieira, de chapéu ás tres pancadas, levanta um copo de cerveja e ri voltando-se para nos em ar de reinação já um pouco *entrado*, dando a nota mais picaresca do quadro e fazendo um digno *pendant* ao Pinto quasi funebre da outra extremidade da meza.

Em cima, finalmente, alem de Martins e um creado, dos quaes so se vêem as cabeças saindo da fumarada, e pouco se perdia se não se lhes visse nada, temos o autor do quadro, que de chapéu na cabeça e parecendo que se vai embora, se volta com um sorriso inigmático, e que lhe não é natural.

Eis o quadro. Digamos agora algumas palavras sobre o seu mercimeuto.

EMYDIO MONTEIRO.

(Continúa)

A ESMOLA

CONTO INFANTIL

O Carlinhos ia todo tãful, naquella domingo, á missa. A sua cabecinha loira, encaracolada, redonda como a de um pagem de opera, mal coberta por um gorro de velludo azul escuro, movia-se garbosamente de um lado para o outro. Levava as mãos nos bolsos, o riso nos labios, a alegria no olhar.

O frio começava. Havia pouca gente na rua, apezar de ser dia sanctificado. Carlinhos entristecia-se com isso, queria que muita gente lhe notasse a *toilette*, desejava ardentemente que lhe chamassem lindo; era vaidoso, o pequeno, e, coitadinho, tinha só 6 annos.

— Tia Laura; dizia elle a uma senhora que o acompanhava, em vez de irmos á missa, vamos fazer visitas para eu mostrar o meu vestido novo.

— Irems depois, filho; descansa.

Na igreja havia poucas devotas. As beatas tinham preferido a missa das 8, e a essa, das 10, não tinham contorrido, como de costume, as senhoras do *high-life*, que a essa hora dormiam, descansando de um baile da vespera. Isto de terras pequenas, é assim.

Os passos da tia e do sobrinho resovam por toda a igreja, quasi vasia; aqui e ali uma *barata* toda curvada; contricta, entregava-se no seu incognito aos extasis religiosos... observando o que se passava em redor. A capella estava sombria. Um ar gelido, de infundir tristezas, descia do alto tecto amarellecido, e punha tremuras angustiosas no coração de Carlinhos. Ouvio impaciente a missa toda, e deu um grande suspiro de alivio quando um geral borbórinho lhe annunciou o fim do sacrificio. A tia ergueu-se, deu-lhe a mão, e sahiram.

Fora, jorrava o sol a grande vida do calor e da luz. As arvores, de um verde brilhante, luziam como esmeraldas; o povo começava a mover-se na rua. Numa esquina tocavam duas creanças pobres, um pequeno e uma menina, ambas descalças, pernas nuas, arroxeadas pelo frio, cobertas com uns farrapos quasi inúteis.

A menina abria muito a bocca cantando uns versos, enquanto a mão lhe tremia com o arco da rabeca; o menino pendia a cabeça triste para a harpa, onde modulava uns desafinados e incompreendidos queixumes.

Carlinhos foi attrahido até ao grupo e parou. Abria os olhos, muito curioso, para esse quadro tão commum. Aquellas creaturinhas que que ali estavam a tremer, semi-nuas, tentando divertir o publico para que o publico lhes atirasse uma moeda de cobre, numa compaixão, mixta de escarneo; aquellas creaturinhas... eram pouco mais velhas do que elle!

Perto, junto aos humbracs vermelhos de uma casa de barbeiro, conversavam rindo alguns rapazes, vendo os esforços da rabequista ao cantar um *lá*, que desgraçadamente tinha de repetir muitas vezes na canção.

— Olha como lhe incham as veias do pescoco; dizia um.

— Ha quantos dias não comerá aquella pequena, para chegar a este estado?... accrescentava um outro.

— Pancada, levam todos os dias; concluia um terceiro; são meus visinhos...

— Terão paes?

— Qual! morreram ambos de febre amarella no Rio; um napolitano, então, que lá estava, *condoeu-se* dos desamparados patricios e trouxe-os para a provincia.

Agora fal-os ganhar a vida d'este modo; á noite, quando se recolhem, se não levam cousa que luza... ai d'elles! Ao principio choravam em altos berros, mas hoje parece-me que já estão affeitos á pancada, e nem piam...

— Ora, que malandrice! exclamava, bufando de indignação um recém-chegado, apontando com a bengalhinha fina para o grupo das infelizes creanças.

A menina com os seus olhos uegros fitos no ceu azul, as mãos pallidas, magras, movendo-se nervosamente no instrumento, as perninhas finas a baterem-se com o frio, inspirou a Carlinhos sentimentos bem diversos dos que tinham os elegantes da terra, que commentavam ali a sorte dos *artistas* da rua.

Artistas da rua! E' zombeteiramente que falamos d'elles quasi sempre, no emtanto, como aprenderiam a tirar uns sons, embora ingratos, das harpas e dos violinos, se lhes não chorasse na alma um ideal que é ao mesmo tempo palma de triumpho e coroa de espiuhos?

Os olhos do harpista encontraram-se com os de Carlinhos e demoraram-se fitos...

Vibraram o ultimo acórdic.

A menina parecia desfallecer; movia os labios roçados, estendendo a mão—

sinha, hirta na supplica de uma esmola...

Que ligação mysteriosa e doce têm entre si as creanças!... E' que as almas dos anjos, ainda orvalhadas do ceu, reflectem-se mutuamente.

Carlinhos, d'entre todos os circumstantes, foi o unico que verdadeiramente comprehendeu a grande magua d'aquelles desditosos, e, voltando-se para a tia que conversava banalmente com uma senhora na esquina, disse com os olhos rasos d'agua e com a voz commovida:

— Tia Laura, já não quero mostrar o meu vestido novo. Vamos para casa; quero levar estes meninos commigo...

— Para que, filhinho?! perguntou a attonita senhora.

— Para dar-lhes de comer e de vestir; elles têm fome e frio, minha tia!

A tia annuo ao pedido, e Carlinhos ouvio, como desejára, dizerem d'elle:— Como é lindo!

Os pequenos artistas foram convidados por Carlinhos a irem todos os dias almoçar e jantar á sua casa... Deu-lhes umas roupinhas agazalhadoras, e uns beijos fraternaes.

A' noite, antes de adormecer, perguntou-lhe a tia:

— Então, quem elogiou hoje o teu vestido novo?

— Ninguem...

— Não te chamaram lindo nenhuma vez?...

— Chamaram.

— Quando?

— Quando eu trouxe commigo os pobresinhos.

— Vés, filho? é que a verdadeira belleza é a do coração. Não te assoberbes pelo teu luxo, que isso é miseria. Faz todo o bem que poderes aos que sofrem; a esmola, dada como tu deste, entre beijos, é mais que linda meu amor, é santa...

Ao som d'estas palavras adormeceu Carlinhos, com a paz da sua alma, branca e pura, estampada no seu rostinho calmo...

JULIA LOPES.

Campinas, Julho de 1885.

PAGINAS ESQUECIDAS

Sendo hoje o dia da legendaria festa da Gloria julgámos que seria interessante publicar neste logar, destinado aos « esquecimentos litterarios » algumas paginas do livro de Alencar « O crmitão da Gloria » em que o nosso grande romancista narra a lenda que deu origem á fundação da igreja no outeiro da Gloria e á famosa festa que ainda hoje se celebra, embora menos pomposamente. Se não estão esquecidas estas bellas paginas, são—pelo menos—pouco lembradas. Relê-as é agradável e util.

XVII

O ERMITÃO

Dias depois do funesto acontecimento, a escuna *Maria da Gloria* estava fundeada no seio que forma a praia junto ás abas do morro do Cattete.

Era o mesmo logar onde vinte annos antes se fazia a festa do baptismo, no dia em que se dera o caso estranho do desaparecimento da imagem da Senhora da Gloria, padroeira da escuna. Na praia estava um ermitão vestido

de esclavina, seguindo com o olhar o batol que largára do navio e singrava para terra.

Abicando a praia saltou d'elle Antonio Caminha, e foi direito ao ermitão a quem entregou a imagem de Nossa Senhora da Gloria.

Recebeu-a o ermitão de joelhos e erguendo-se disse para o mancebo:

— Ide com Deus, Antonio Caminha e perdoai-me todo o mal que vos fiz. A escuna e quanto foi meu vos pertence: sede feliz.

— E vós, Sr. Ayres de Lucena?

— Esse acabou; o que védes não é mais que um ermitão, e não carece de nome, pois nada mais quer e nem espera dos homens.

Abraçou Ayres ao mancebo, e affastou-se galgando a ingreme encosta do outeiro, com a imagem de Nossa Senhora da Gloria cingida ao seio.

Na tarde d'aquelle dia a escuna desfraldou as velas e deixou o porto do Rio de Janeiro onde nunca mais se ouviu falar d'ella; sendo crença geral que andava outra vez encantada pelo mar oceano, com seu capitão Ayres de Lucena e toda a maruja.

Poucos annos depois dos successos que ahi ficam relatados, começou a correr pela cidade nova de um ermitão que apparecera no outeiro do Cattete, e fazia ali vida de solitario, habitando uma gruta no meio das brenhas, e fuggindo por todos os modos á communicação com o mundo.

Contava-se que alta noite, rompia do seio da inatta um murmurio soturno, como o do vento nos palmares; mas que applicando-se bem o ouvido se conhecia ser o canto do terço ou da laldainha. Esse facto, referiam-no sobretudo os pescadores, que ao sahirem ao mar, tinham muitas vezes, quando a brisa estava serena e de feição, ouvido aquella reza mysteriosa.

Um dia, dois moços caçadores galgando a ingreme encosta do outeiro, a custo chegaram ao cimo, onde descobriram a gruta, que servia de refugio ao ermitão. Este desapparecera mal os presentio: todavia poderam elles notar-lhe a nobre figura e aspecto veneravel.

Trajava uma esclavina de burel pardo que lhe deixava ver os braços e arrelhos. A longa barba grisalha lhe descia até o peito, misturada aos cabellos cahidos sobre as espaduas e como ella hirtos, assanhados e cheios de maravalhas.

No momento em que o surpreenderam os dois caçadores, estava o ermitão de joelhos, deante de um nicho que elle proprio cavára na rocha viva, e no qual via-se a imagem de Nossa Senhora da Gloria, allumiada por uma candeia de barro vermelho, grosseiramente fabricada.

Na gruta havia apenas uma bilha do mesmo barro, e uma panella na qual extrahia o ermitão o azeite da mamona, que macerava entre dois seixos. A cama era o chão duro, e servia-lhe de travesseiro um toro de páu.

Estes contos, feitos pelos dois moços caçadores excitaram ao ultimo ponto a curiosidade de toda a gente de S. Sebastião e desde o dia seguinte muitos se botaram para o outeiro movidos pelo desejo de verificarem por si mesmo, com os proprios olhos, a verdade do que se dizia.

Frustrou-se-lhes, porém, o intento. Não lhes foi possivel atinar com o caminho da gruta; e o que mais admirava, até os dois caçadores que o tinham achado na vespera, estavam de todo o ponto desnortheados.

Ao cabo de grande porfia, descobriram que havia o caminho desapparecido pelo desmoronamento de uma grande rocha, a qual formava uma como

ponte suspensa sobre o despenhadeiro da ingreme escarpa.

Acreditou o povo que só Nossa Senhora da Gloria podia ter operado aquelle milagre, pois não havia homem capaz de tamanho esforço, no pequeno espaço de horas que decorrerá depois da primeira entrada dos caçadores.

Na opinião dos mestres beatos e Virgem Santissima queria significar por aquelle modo sua vontade de ser adorada em segredo e longe das vistas pelo ermitão; o que era, acrescentavam, um signal de graça mui particular, que só obtinham raros e afortunados devotos.

Desde então ninguem mais se animou a subir ao pincaro do outeiro, onde estava o nicho de Nossa Senhora da Gloria; porém vinham muitos feis até o logar onde se fendera a rocha, para verem os signaes vivos do milagre.

Foi por esse tempo tambem que o povo começou a designar o outeiro do Cattete, pela invocação de Nossa Senhora da Gloria; d'onde veio o nome que tem hoje esse bairro da cidade.

EPILOGO

Antonio Caminha acceitou o legado de Ayres de Lucena.

Vestio a esclavina do finado ermitão, e tomou conta da gruta onde aquelle vivera tantos annos.

Viera aquelle sitio como em santa romaria para obter perdão do agravo que fizera á imagem de Nossa Senhora da Gloria, e chegára justamente quando expirava o ermitão que a servia.

Resolveu, pois, consagrar o resto de sua vida a expiar nessa devoção a sua culpa; e todos os annos, no dia da Assumpção, levantava uma capella volante, onde celebrava-se a gloria da Virgem Purissima.

Toda a gente de S. Sebastião e muita de fora ia em romagem ao outeiro levar as suas promessas e esmolas, com as quaes pode Antonio de Caminha construir em 1671 uma toska ermidã de taipa, no mesmo sitio onde está a igreja.

Com o andar dos tempos arruinou-se a ermidã, sobretudo depois que, entrado pelos annos, rendeu a alma ao Creador o ermitão que a tinha edificado.

Antonio Caminha finou-se em cheiro de santidade; e foi a seu rogo sepultado junto do primeiro ermitão do outeiro, cujo segredo morreu com elle.

Mais tarde, já no seculo passado, quando a grande matta do Cattete foi roteada e o povoado estendeu-se pelas apraziveis encostas, houve ali uma chacara, cujo terreno abrangia o outeiro e suas cercanias.

Tendo-se formado uma irmandade para a veneração de Nossa Senhora da Gloria, que tantos milagres fazia, os donos da chacara do Cattete cederam o outeiro para a edificação de uma igreja decente e seu patrimonio.

Foi então que se tratou de construir o templo que actualmente existe, ao qual se deu começo em 1714.

JOSÉ DE ALENCAR.

(O ermitão da Gloria)

Quasi todas as disputas humanas provem de que existem sabios e ignorantes mas que dos factos e das idéas somente vem uma face; e de que cada qual pretende ser a unica verdadeira e boa a face por elle vista.

BALZAC.

PARAISO VEDADO

Guarda-lhe a porta á camara esquisita
Um anjo. E se ella dorme, esse anjo espreita
Em roda, e ao punho o alfange de ouro es-
treita,
E se ella treme, o alfange de ouro agita.

Não ha transpor essa mansão bendita!
Pés profanos lá dentro quem suspeita?
Vêla a guarda, de pé; na mão direita
Arde o ferro luzente que exercita.

Em paz! desejo meu que ardente estúas!
De seus limpídos pés o arminho brando
Nem te é dado roçar com as azas tuas!

Ollha-a apenas da porta. . e a sombra escassa
D'essa arma inveja, fulgurante, quando
Mobil projecta-a, e ella em seu rosto passa.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

Em beneficio do joven e habil artista Masi, da Companhia Dramatica Italiana, representaram-se ante-hontem no theatro S. Pedro de Alcantara as comedias *Les demoiselles de la fourchette*, um acto engraçadissimo de Labiche, *L'etourdi*, de Bayard, trez actos hilariantes e *Une visite de nocces*, a celebre comedieta de Dumas Filho. Diremos d'esta somente, pois que das outras dizendo-se que fazem rir a escangalhar, como não têm outro fim tem-se dito tudo.

Este delicioso actosinho de Dumas é a nosso juizo superior a algumas, das muitas philosophicas e pretenciosas do grande mestre do theatro moderno. E' observado, é sentido, é espirituoso, é humano, profundamente humano. Aquelle rapaz que repelle a antiga amante desde que sabe que ella se conservou fiel e que as aventuras que d'ella lhe diziam são falsas e que a viver conjugalmente prefere viver com sua mulher, porque «para mulher honesta basta-lhe a sua», é verdadeiro como a propria verdade. E aquelle discurso philosophico de De Bonal ao *bébé*?... Moliéresco! Oh como são pequeninas as theses socialistas, os problemas moraes, as demonstrações logicas, deante d'este actosinho, tão simples, tão pequeno, tão despretençioso e tão bello, tão verdadeiro, tão profundo!

Duse-Cecchi e Andò fizeram á merveille os seus importantes papeis. Andò disse toda a sua parte com uma naturalidade, uma segurança e uma *vérvé* inexcitaveis, admiraveis!

Que grande artista este Flavio Andò! Duse-Cecchi, meu Deus, que mais dizer d'ella?

Original, inimitavel, unica no papel de baroneza de Morans como em todos os papeis de que se encarrega. Masi, que havia estudado a sua parte em dois dias apenas, não a comprometteu; ao contrario.

O theatro—quasi vasio. Uma injustiça do publico para com o Sr. Masi, que lhe devia merecer mais um pouco.

SANT'ANNA

Estreiou no sabbado passado, no Sant'Anna, como noticiámos, a nova empreza dramatica do actor Simões, com o drama de D'Ennery *O palhaço*. O desempenho foi muito satisfactorio.

Appolonia, Simões e Ferreira foram muito applaudidos. Hontem representou *Os filhos do Capitão Grant*, um drama de situações commoventes, imprevistas,

embasbacantes, e que sempre agrada. Pois foi isso mesmo o que lhe aconteceu hontem:—agradou.

Mil prosperidades á companhia dramatica do velho, bemquisto e provector actor Simões.

POLYTHEAMA

Foi na memoravel noite de quarta-feira a estreia da grande companhia equestre dos Irmãos Carlo!

O Polytheama estava litteralmente cheio, e em todos os rostos se lia o contentamento de pessoas que iam tornar a ver os artistas, seus antigos conhecidos, á custa dos quaes o publico fluminense tanto se tem divertido.

Lá appareceu o famoso, o incomparavel, o xtraordinario, o incrível Frank Brown—um artista de grande merito, de grande força e de grandes saltos, um clown que arrebenta a gente de riso, o maior e mais famoso inimigo dos botões de calças, que tem apparecido n'este hemisferio. E trouxe novos cães, o diabo do homem; e que cães! Aquillo fazem cousas de deixar boqueabertos para toda a vida dez chantres de capella, dos que sabem ler e escrever! Pois o palhaço, um demonio de um caõsito preto, cabelludo como o Sr. Hudson (salvo scja!) no tempo das republicas, que faz peloticas e habilidades que até parece nma pessoa. O diabo do *Flock* tem mais graça do que trez pimentas microcosmographicas.

Temos tambem o Frederico Carlo e Mlle. Amelia, com os seus cavallos e eguas amestrados, em liberdade; temos os meninos Harry e Hattie Carlo, artistas equestres e dançadores; temos o casal Casali, o Clown Ozon, o menino Ventura, o Pereira, Mlle. Boreli e outros.

Dos artistas novos o mais notavel, por emquanto, é o Sr. Mori, que executou com muitissima limpeza e rara correcção, novissimos trabalhos na dupla barra fixa, revelando-se artista consummado, de grande merito.

A maior novidade, porém, é o *Jornal do Commercio*... perdão!—é o elephante Bosco. Que bicho, sauto Deus!

A entrada do enorme pachiderme não primou pela delicadeza, valha a verdade; e o que elle fez no circo, á vista de todos, nao revela uma gentileza lá para que digamos. Só se elle nos quiz mostrar o que a um bicho da sua casta jámais viramos fazer. Será bom que para outra vez seja mais comedido nas suas expansões physiologicas, ou que de vespera se precavenha com alguns perfumes para offerecer ao publico.

Depois de aliviado, executou varias sortes, com uma limpeza relativa, entre as quaes o publico appreciou uma parodia do homem dos sete instrumentos, tudo por musica escripta, cousa que nem o *Escaravelho* era capaz de aprender em dez annos com muito pãu e muito ensino.

E assim terminou a grande funcção de estréa da companhia Carlo, que nos promette uma temporada alegre e boa como todos os demonios.

O Dr. Candido Barata Ribeiro, auctor do drama *Segredo do lar*, ha annos representado por Furtado Coelho, leu em dias da semana passada a alguns amigos, em intimidade familiar, o seu novo drama—*As mulheres que morrem*; titulo este que vae ser substituido por outro mais adaptavel ao assumpto dramatisado. A peça agradou sobremaneira ao auditorio, e tanto, que o Dr. Barata, accedendo ao pedido dos seus amigos, prometter fazer proxicamente segun-

da leitura, á qual serão convidados os nossos mais notaveis jornalistas e homens de letras. Por essa occasião, que ansiosamente esperamos, daremos o nosso juizo sobre o novo trabalho do illustre medico, a quem muito deveria o theatro, se *theatro* houvesse entre nós.

Em homenagem á memoria de João Caetano, realisar-se-á proxicamente no theatro Sant'Anna um solemne festival.

Os nossos collegas da *Revista Theatral* são os iniciadores e organisadores d'esta festa que promette ser brilhante, a julgar pelo programma que recebemos.

Serão distribuidos gratuitamente durante o festival, além do retrato de João Caetano, os de Duse-Checchi, Vasques, Peregrino, Lucinda, Guilherme de Aguiar e outros.

O producto d'este festival é destinado ao monumento do immortal actor brasileiro.

Cumprimentamos os nossos collegas pela bellissima idéa que tiveram e desejamos que o publico a complete com uma enchente no Sant'Anna.

O empresario Ciacchi escreveu para S. Paulo propondo a ida da companhia dramatica Italiana a essa cidade se lhe for garantida uma assignatura de 16 contos para 8 recitas.

Nem um momento duvidamos que esta proposta seja recebida com entusiasmo pela briosa e adcantada provincia, que tanto se tem distinguido pelo seu apurado gosto artistico. Se, todavia, S. Paulo recusar, peor para S. Paulo; pois perderá a occasião unica de apreciar esta companhia extraordinaria e, principalmente, de admirar a assombrosa rival de Sarah Bernhardt.

Os empresarios Luiz Braga Junior e Celestino da Silva, associados para a excursão do casal Furtado Coelho ás provincias do Norte, onde Lucinda nunca foi e onde Furtado foi nos primeiros tempos da sua vida artistica, aquelles dois empresarios, dizemos, pensam em trazer a Corte e S. Paulo na mesma epocha, alguns dos melhores artistas da companhia do theatro de D. Maria II—o melhor theatro da nossa lingua, incontestavelmente. Seria difficil, senão impossivel, trazer a companhia toda, mas virá Brazão e é bem possivel que venha Virginia, a primeira actriz dramatica portugueza.

Brazão dar-nos-a o *Othello*, que elle já representou e o *Hamlet*, que foi ultimamente estudar.

A VIDA ELEGANTE

Depois de um torneio de bilhar,—em que sobresahiram e foram justamente contemplados com magníficos premios os Srs. Moreir Santos, Calazans Ramos, Alberto Heckser, João Roxo, Furtado de Mendonça, Honorio Lobo, Custodio de Albuquerque e outros,—realisou-se domingo no Club de S. Christovão um deslumbrante sárau que teve por causa principal a distribuição dos premios aquelles vencedores do torneio.

O Sr. Dr. João Lara, na falta do presidente do Club, pronnciou, substituindo-o como vice-presidente, algumas palavras lisongeiras aos bilharistas, os quaes foram chamados um a um a

receberem as offertas que lhes cabiam.

Começaram as dansas, com grande animação, pouco depois das dez horas da noite, e prolongaram-se até á uma hora, não continuando por indisposição dos homens da musica, que de instrumentos ás costas levantaram-se inesperadamente, promptos para se pôrem ao fresco.

O Sr. commendador Ignacio Marques de Gouvêa, muito digno presidente do Club, apresentou-se nos salões á meia noite, sendo por essa occasião circundado por um grupo elegante de senhoras, que o saudaram entusiasticamente.

O Club de S. Christovão nos deu como costuma uma esplendida festa e a sua directoria não poupou esforços para fazer com que os seus convidados se retirassem verdadeiramente saudosos e penhorados.

LORGNON

Ha ataques que engrandecem quem os recebe.

GUSTAVE RIVET.

COLLABORAÇÃO

A'.....

Destumbram-me esses olhares,
Em que tu'alma scintilla,
Como na face dos mares
Do sol a imagem tranquilla.

(VICENTE DE CARVALHO).

E' grande, immenso qual o véu sidéreo
O poder que te occulta para mim,
E no emtanto atravez d'esse mysterio
Conheço teu olhar, longo, sem fim!

Conheço teu olhar que inconsciente
Fez morrer a ventura qu'eu frua,
Sei que é bello luzeiro permanente
Nas romagens da minha phantasia.

Sempre a roubar-me a paz, o pensamento
Dá-me a tortura do martyrio lento,
Faz-me lutar sem luz na iadecisão:

Mas quando irrompe em meus som-
brios dias

Lança um clarão de santas alegrias,
Innunda de fulgor meu coração!

REVOCATA H. DE MELLO.

Rio Grande — 1885.

FACTOS E NOTICIAS

SPORT

Estiveram animadissimas as corridas de domingo no Club Athletic Fluminense.

A digna e amavel directoria d'essa magnifica associação recreativa deve sentir-se orgulhosa pelos bons auspícios que a circumdam e deve contar que d'aqui a muito pouco tempo não existirá talvez nesta Corte sociedade alguma nesse sentido comparavel ao Club Athletic.

A's onze horas da manhã, mais ou menos, tiveram começo as corridas perante uma multidão enorme de espectadores, que enchiam não só as vastas

archibancadas, onde se viam muitas senhoras, como tambem o espaço comprehendido em derredor da raia.

Foram vencedores e obtiveram excellentes premios os Srs. Henrique Vabo, H. Teixeira, Arthur Soeiro, Alberto do Couto, Ponte Junior, Alberto Taylor e Raul de Lima.

Como estava determinado, apresentaram-se em publico Mme. Bargossi e seu esposo e fizeram verdadeiras maravilhas. A primeira, que se havia comprometido a percorrer 3.000 metros em 17 minutos, percorreu-os em 13, com uma differença, portanto, de 4 minutos a menos.

De um porte elegante e excessivamente desembaraçada, correu, deixando todos cheios de admiração e sendo sempre recebida com entusiasticos applausos na sua passagem.

O Bargossi, finalmente, pôde-se dizer que foi o heroe da festa. A insignificancia de 19.800 metros percorreu elle em uma hora e poucos minutos com toda a calma, atirando de quando em quando uns assobios ao ar, correndo de costas, saltando, dansando e dirigindo-se aos espectadores sempre com um sorriso nos labios.

Ao vel-o terminar a corrida dir-se-ia que tinha acabado de uma pequena volta pelo jardim do Club, tal era o estado de socego em que se achava o seu privilegiado organismo.

O Sr. Januario de Oliveira, que competio com o Bargossi, fez o que poude e na nossa opinião fez muito, porque percorreu 9,700 metros, deixando que o admiravel andarilho se adeantasse apenas numa volta. Quem não fez, entretanto, figura invejavel, foi o Sr. Viriato de Freitas, um homem já de idade, que teve a infeliz lembrança de metter-se a competir com o Bargossi.

Deve estar bastante arrependido da sua deliberação o Sr. Viriato de Freitas.

O Sr. Freitas, depois de percorrer uma pequena distancia, deixou-se cahir de encontro a uma grade medonhamente pallido. Vimol-o deveras incommodado. Mas tambem quem o mandou metter-se com o Bargossi? O Bargossi não é de brincadeiras.

O Sr. Viriato de Freitas com os annos que conta não procedeu bem em dar que fazer ás suas pernas que devem com certeza precisar de descanso.

Em conclusão temos a dizer que a festa do Club Athletico esteve esplendida.

Parabens á sua directoria, composta de alguns delicados rapazes, a quem nos confessamos sinceramente gratos pela extrema cortezia com que nos trataram.

Partio para o Rio Grande do Sul Fontoura Xavier, o distincto poeta que em boa hora o Sr. conselheiro Martim Francisco se lembrou de celebrar, introduzindo alguns dos seus bellos versos nos Annaes Parlamentares.

Está na capital o nosso estimado e gentilissimo collega do *Diario Mercantil*, Gaspar da Silva.

Mudou-se de Capivary para Santos, onde vai abrir um collegio, o nosso illustre collaborador Julio Ribeiro.

BARGOSSI

Amanhã faz o seu beneficio no Prado Guarany, graciosamente cedido pelo seu proprietario, o casal Bargossi.

Vai ser uma corrida de novo genero, em que, além dos beneficiados, correrão os nossos principaes amadores d'este utilissimo genero de divertimentos; tomará tambem parte o corredor genuino de Almeida, que com os seus companheiros gentilmente accedeu ao pedido que lhes dirigio o *homem-locomotiva*.

O publico que já vio os afamados andarilhos, não deixará de assistir a esta corrida, que deve ser esplendida. Resta que as pessoas que ainda os não viram não deixem escapar esta excellente occasião.

O estadio de Bargossi entre nós é um grande incentivo e um poderoso estimulo para o desenvolvimento das corridas de homens, tão necessarias neste paiz de sedentarios, onde o bond tem afrouxado os nossos estimaveis apparelhos locomotores, vulgarmente conhecidos pelo nome de pernas; o dever do publico é animar o casal Bargossi para que elle se demore algum tempo no Brazil e estes nossos rapazes aprendam a andar e a correr, como se faz em toda a parte.

Parabens aos Bargossi.

Recebem-se hoje em casamento o nosso estimado e distincto collaborador Luiz Gonzaga Duque-Estrada e D. Julia Guimarães Torres na igreja de Nossa Senhora da Gloria. Serão padrinhos: da noiva o Sr. Joaquim de Souza Fernandes e D. Maria Torres Rocha; do noivo o Sr. Antonio Xavier da Rocha. No dia 20 seguirão os noivos para a cidade de Cabo Frio, onde se demorarão algum tempo.

Desejamos-lhe uma eterna lua de mel.

TRATOS Á BOLA

Tratistas:

Faltaria (lá vai a *chapa*, não ha remedio), ao mais sagrado de todos os deveres se n'este momento solemne deixasse de agradecer a todos vós, a bondade com que vos dignastes de receber os *tratos* ultimos. Ufano-me com esta recepção. Lamento não dispôr nesta occasião de todas as estrellas, de tudo isso que fulge no eterno azul, até mesmo, da viactea, para jogar-o aos vossos pés, illusterradissimos tratistas! Em todo o caso ficai scientes que a minha gratidão (como diz o collega *Chico Fêrula*) será eterna... por duas semanas.

Cumprido este dever, escrevo aqui os nomes dos illustres tratistas da semana finda, e não me cançarei de gritar para o futuro, como um *garçon* amabilissimo: Olha um Pantheon para treze!...

Eil-os: *Pery-assú, Tamandú, Valerius Madilina, Pépe, Josephina B., Frisinal Vassico, Joãozinho, Marco Aurelio, Theodora, Ruy Barbo, Sempre-Viva, Lisboa Junior, Pimenta e Jovial Tristonho.*

O primeiro decifrador foi o Sr. *Valerius Madilina* e o segundo o Sr. *Jovial Tristonho*. Mandem buscar os seus premios. Cã estão ás ordens dos carissimos amigos.

Eis as decifrações: dos proverbios-*enygmas: Quem porfia mata caça e Em casa de ladrão não se falla em corda, da antiga — Pardal; das novissimas Massarico e Escaravelho, das telegraphicas — Gato e Cabra, das invertidas — Norte (tenor) e Egas (gaze) e da calemburguesca — Assoalho.*

Para hoje temos as seguintes *tratices* que não são para dar muitos *tratos* á bola:

ANTIGA

Hontem, no largo da Lapa
Um pobresinho *ella* vio;
Rasgou metade da capa
Para cobril-o do frio... 1

Mas você, inda por cima,
Com ar zombeteiro fica?!
Ah! lembre-se que *ella*, prima
Não é totalmente rica... 1

Quando você vé na rua
Uma pessoa co'os pés
Descalços, e pobre e nua,
Faz acaso o que *ella* fez?... 1

Mas se não faz, prima, faça;
Ande, imite os actos seus;
Tem quem afoga a desgraça
Em si um pouco de Deus... 1

EM QUADRO

Leitoras. dae-m'a que me falta a veia;
Tendes no olhar, que leva-me de rastros;
Cresce e afflue ao sabor da lua cheia;
No astro Saturno em vossos dedos, astros!

INVERTIDAS

2—Este a-verbio é uma deuzza.
2—Este verbo não é vulgar.

CALIMBURGUESCA

Qual a nota que suja e se enrola?

ENYGMATA ALPHABETICO

	B			
	1			
	O	C	N	
	4	1	2	
A	S	D	R	U
1	1	1	1	1

Formar com estas letras, empregadas tantas vezes quantas os algarismos designam, o nome de um rei antiquissimo

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto uma colleção encadernada d'*A Semana*; ao segundo um almanak do *Correio da Europa*, illustrado, para este anno:

E — *au plaisir.*

D. PASTEL.

RECEITAS CULINARIAS

SOBREMESA

SALADA DE FRUCTAS Á ROUÈDE

Ponha-se num prato de sobremesa uma rodella de abacachi, em cima d'esta verta-se o contendo de um ou dois maracujás, algumas uvas-passas de Coryntho ou de Malaga, das melhores, e um figo bem maduro cortado em quatro, collocado em cima de algumas talhadas de laranja; polvilhe-se depois o todo de assucar e cubra-se com gelo ralado. Sirva-se um d'estes pratos a cada um dos convidados, e em seguida tome-se para rebater, um copo de vinho de Ruster. Melhor é experimental-o que julgal-o.

CABRION

RECEBEMOS

— O *Mequetrefe*, n. 388. Bem desenhado. Na ultima pagina traz um bom retrato do distincto actor italiano Flavio Andó.

Texto como sempre muito bem feito.

— Da Empresa Litteraria Fluminense o 1º fasciculo d'Os Miseraveis de Victor Hugo; edição nitida e bara.

— Um prospecto-lista da *Revista dos Novos* que apparecerá em S. Paulo, a 20 do corrente mez.

— *Le Brésil à l'exposition d'Anvers* numero specimen, redactor principal E. Delau.

— *Correio da Europa* (Lisboa.) Traz a data de 22 de Julho.

— *Cadastro da Policia*, fasciculo n. 25.

— *Estudo sobre o ensino primario* no reino da Grã Bretanha e Irlanda pelo Dr. Cezar Augusto Vianna de Lima addido á legação do Brazil em Londres.

— *O Abolicionista*; galope para piano, composição da distincta pianista D. Maria C. da Cruz Almada.

— Do Sr. Henri Nicoud:

O n. 29 dos periodicos *Le salon de la mode e La mode illustrée*, publicadas em Pariz a 18 e 19 do mez passado; e os dois ultimos numeros da *Revue politique et litteraire*. Excellentes.

— O n. 13 (2º anno) da *Illustração*, publicação portugueza em Pariz, sob a direcção de Mariano Pina. Recommenda-se-nos este numero especialmente pelo magnifico retrato do Dr. Luiz Couty, acompanhado de um longo artigo biographico por Escragolle Taunay, e pela soberba pagina « O grand prix de Paris ».

— *Distração*. — N. 45; semanario humoristico e satyrico. Muito humoristico e muito satyrico, como sempre.

— Do Sr. Vasconcellos um bellissimo retrato de D. Pedro V.

CORREIO

SR. F. E. GRIS — A sua poesia *No Inverno* é tão boa, tão gostosa, tão desopilante, que não publicá-la seria um peccado. E peccado que o proprio bispo cá da travessa, o da synagoga, o Miguel, o Miguel não perdoaria.

NO INVERNO

Apoz um tufão medonho
Que bramiu durante a noite
Disponhou o dia risonho...

Do meu quintal, um ninho
Desmantellado jasia no cbão,
Um terno e triste passarinho
Chorando o trabalho d'então,
Trinava trepado num galho,
Secco de larangeira, chorou
Dos filhinhos o agazalho
Que o tufão arrebatou...

O Sr. é com certeza discipulo do teuto sergipano, do Sylvio Romero. Está se vendo. Sr. *Gastão Plinio*. A sua *Madrugada no Campo* dedicada a Luiz Murat seria boa se lhe tirasse alguns leves defeitos que a prejudicam.

SR. MODESTO DE PAIVA (S. João d'El-Rey) — A sua *Vacillação* sahirá na collaboração. E' esperar, Sr. Modesto.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sa — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Con. sultorio: — rua Primeiro de Março, 22- de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia: — rua de S. Pedro, 294.

Portuguez, franceze e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de tipo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, jornaes, annuncios, etc. etc.

PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

A DIVINA COMEDIA

DANTE ALIGHIERI

DE JOSÉ PEDRO XAVIER PINHEIRO

TRADUÇÃO DE

O traductor fez a versão em tercetos, rimados sempre, como os do auctor, e annotou cada verso com eruditissimas notas explicativas. Precede a tradução um profundo estudo critico em que o traductor analysa longa e detidamente Dante e o seu poema.

Já sahiram á luz o 7º fasciculos nitidamente impressos na casa Leuzinger, de 16 paginas, com capa. O preço é de 300 rs. cada fasciculo.

Assigna-se nas seguintes casas:

Livrarias GARNIER, LAEMMERT, FARO & NUNES e

Redacção d'A SEMANA, travessa do Ouvidor, 36; e na

AGENCIA GERAL

6 RUA DO CARMO 6

VENDEM-SE

collecções d'A *Semana* (primeiro ses mestre), encadernadas, nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert, Serafim Alves e no escriptorio d'A SEMANA por 4\$ e 5\$000

AU PETIT JOURNAL

ASSIGNATURA PARA TODOS OS JORNAES

Especialidade em artigos proprios para presentes

COMPLETO E VARIADO SORTIMENTO DE BRINQUEDOS DE PARIZ

HENRY NICOU & C.

Unicos correspondentes e depositarios nesta Corte da verdadeira

"LA SAISON" de Pariz

Recebem com a maxima presteza todos os jornaes parisienses e os distribuem pelos seus assignantes, apenas os recebem.

A casa AU PETIT JOURNAL é inimitavel neste serviço.

27 Rua dos Ourives 27

RIO DE JANEIRO

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA
CHAMADOS A QUALQUER HORA
Consultorio e residencia
28 Qua da Alfandega 28
RECADOS—QUITANDA, 86

EXTERNATO HEWITT
INSTRUÇÃO SECUNDARIA
E
COMMERCIAL
134 Rua do Rosario 134

A SEMANA 100 RS.!
TANGO DELICIOSO
COMPOSTO E OFFERECIDO
POR

ERNESTO DE SOUZA
conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A *Semana*.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a

1 \$000

OBRAS

à venda no escriptorio desta folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

QUADROS E CONTOS
por 2\$000.

COLOMBO E NENÉ
poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO

traducção do drama de Echegaray, 1\$000

DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

QUATRO POEMAS

versos, 1\$000.

DE AMERICO LOBO:

EVANGELINA

traducção do poema de Longfellow, 1\$000.

COLLEGIO NEVES

Instrucção. Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com grande chacara, offerece as melhores condições hygienicas.

Recebe internos. externo, e meio pensionistas.

Leccionam habeis e zelosos professores.

DIRECTOR

Dr. Amaro Ferreira das Neves Armond

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

RÉSIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36.

ROUPA

Recebem-se roupas para lavar e engomar, garante-se o trabalho.

RUA DO RIACHUELO 36 A